



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA  
FACULDADE DE CEILÂNDIA  
CURSO DE GRADUAÇÃO EM TERAPIA OCUPACIONAL

CARLA VIANA DE MORAES

**O PAPEL DA MULHER DO CAMPO NA TRANSFORMAÇÃO  
SOCIOCULTURAL DENTRO DAS REDES VIRTUAIS: UM  
DIÁLOGO COM A AGROECOLOGIA**

Brasília - DF

2020

CARLA VIANA DE MORAES

**O PAPEL DA MULHER DO CAMPO NA TRANSFORMAÇÃO  
SOCIOCULTURAL DENTRO DAS REDES VIRTUAIS: UM  
DIÁLOGO COM A AGROECOLOGIA**

Trabalho de Conclusão de Curso para a  
Graduação de Terapia Ocupacional na  
Universidade de Brasília.

Orientador: Prof<sup>a</sup> Dr Rafael Garcia Barreiro

Brasília – DF

2020

## RESUMO

A urbanização social e os avanços tecnológicos dentro do espaço agrário trouxeram junto com o aumento das exportações diversos problemas sociais. As ações humanas frente os discursos alinhados a uma lógica mercadológica e globalizada são em grande parte a causa da degradação do meio, portanto, é através da transformação da ocupação que poderá ser promovida uma reabilitação eco-social. Nesta perspectiva a terapia Ocupacional se une a agroecologia com intuito de compreender as transformações necessárias que consolidem as mudanças sociais e busca identificar uma relação entre as mulheres e a natureza dentro do seu processo de dominação. O presente trabalho tem como objetivo compreender o quanto o conhecimento das mulheres camponesas tem sido valorizado dentro das redes sociais virtuais quando o tema é agroecologia e ecofeminismo, buscando compreender os processos de transformação socioculturais. Como percurso metodológico foi realizado um estudo Netnográfico (etnografia online) na plataforma Instagram com 2 perfis administrados por mulheres que abordam agroecologia e ecofeminismo, @modifica e @reciclereutilizeplante que dissipam conhecimento e influenciam seguidores, com a análise dos resultados ficou nítida a necessidade de aproximar este grupo das realidades virtuais e dar voz a uma população que possui um histórico de exclusão em diversas áreas, o texto propicia uma discussão sobre o sistema econômico e patriarcal que molda as ações individuais e qual papel político as mulheres camponesas assumem dentro desse sistema.

Palavras chave: Agroecologia, Mulheres camponesas, Terapia Ocupacional.

## SUMÁRIO

1. Introdução	5
2. Justificativa	12
3. Objetivos	14
4. Metodologia	15
5. Resultados	18
6. Discussão	24
7. Conclusão	26
8. Referências	29

## 1. INTRODUÇÃO

Falar de sustentabilidade e ecologia sem entrar nas discussões de gênero gera lacunas nas questões ambientais, o que não promove ações transformadoras de fato. Deste modo, comecei refletir sobre as relações estabelecidas entre as mulheres e os ambientes rurais, verificando impacto social, econômico e cultural que ainda é pouco explorado na literatura científica sobre mulheres camponesas. Ao pensar sobre gênero e comunidades do campo surge a necessidade de elaborar uma pesquisa que converse com a temática.

Através do entendimento da organização econômico-social capitalista vigente, que busca estratificar nações entre grupos desenvolvidos e subdesenvolvidos, formataram-se noções de crescimento em torno dos avanços tecnológicos e econômicos que enxergavam o rural como atrasado e pobre e o urbano como moderno e rico (GUZMÁN CASADO et al., 2000).

O Brasil é um país que possui uma gama de recursos naturais e uma cultura histórica advinda dos povos originários da terra que valorizam e aperfeiçoam tais recursos, porém com os avanços tecnológicos e científicos, esses conhecimentos começaram a ser vistos como obsoletos e antiquados. Com a perspectiva da ciência como única forma de saber válida, a “Revolução Verde” chega aos países subdesenvolvidos. (LAZZARI, SOUZA, 2017).

A conotação da palavra “verde” sugere aquilo que é do ramo da agricultura. Logo, o termo “Revolução Verde” começou a ser usado historicamente para conceituar as redefinições das práticas agrícolas advindas da segunda guerra mundial (MACHADO, 2008).

Em contraposição, a indústria que mais se desenvolveu durante o período da Segunda Guerra Mundial (1939 – 1945) foi a indústria química que após sua ascensão, buscou novos campos para investir sua tecnologia. Assim, a “Revolução Verde” se deu através dos avanços tecnológicos dentro do ambiente agrícola e o uso desenfreado de agrotóxicos e fertilizantes. Essa revolução surge como uma oitiva em prol de estratégias para acabar com a crise de fome mundial e teve seu início em 1950, atingindo os países sulistas na década de 1960, período marcado por um regime ditatorial no Brasil (ANDRADE E GANIMI, 2007).

Apesar do crescimento na economia, principalmente nos países menos desenvolvidos, junto com o aumento da exportação e produção, além de não resolver a problemática da fome, diversos problemas referentes as desigualdades sociais surgem, como a concentração latifundiária e a monopolização de sementes, prejudicando o avanço dos pequenos produtores rurais e consequentemente ameaçando às vidas de povos originários da terra, forçando uma

imigração rural para as periferias de centros urbanos resultando nas ampliações de favelas e impactos ambientais graves. (OCTAVIANO, 2010).

A interação que o ser humano estabelece entre si e com o seu meio é uma construção que ocorre através da cultura e costumes que são adotados em uma sociedade, nesse sentido, o homem é capaz de modifica-la, quantas vezes considere necessário para sua consolidação e sobrevivência na terra. Devido à falta de material teórico nacional que abordasse o assunto, fez-se uma busca aproximando o pensamentos de autores críticos não nacionais que buscam dialogar as temáticas ecológicas com as discussões estabelecidas pela terapia ocupacional, Algado (2013) a partir da perspectiva da ocupação humana, entende que, como a ocupação humana tem sido a chave para a degradação do meio ambiente, logo, se faz urgente repensar meios que direcionem nossas ocupações para que se promova uma sustentabilidade ecológica de fato (ALGADO, 2013).

A Terapia Ocupacional é uma profissão que promove um debate sobre um fazer humano, com suas atividades, ocupações e cotidianos, que dotada de significado, valores e crenças determinam a participação social de um indivíduo ou grupo (FARIAS e FALEIRO, 2017). A Terapia Ocupacional Social vai além, entendendo que se a nossa interação com o meio é através da produção das nossas atividades, e as nossas atividades são moldadas pelos nossos contextos históricos, em que as mudanças sociais transformam as atividades e vice-versa (BARROS, GHIRARDI E LOPES, 2002).

A Terapia Ocupacional eco-social promove um diálogo com a Terapia Ocupacional Social e sua reflexão é um primeiro passo sobre uma abordagem ocupacional ecológica, ainda não sendo tratada como uma construção teórico/prática. Apesar de ter o intuito de instigar um novo olhar de atuação, esse conceito não é voltado apenas para a preservação do meio ambiente, ou no impacto da existência humana para o planeta. Trata-se de um modelo que modifica as organizações sociais, culturais e econômicas, idealizando e futuramente construindo uma sociedade ecológica (ALGADO, 2012).

Essa perspectiva discute que não busca valorizar o primitivo e retroceder os avanços, muito pelo contrário, enxergar a atual condição humana nos permite pensar em novas estratégias diante de todo o conhecimento desenvolvido, assim uma tecnologia que antes era usada para extermínio de modos de vida diferentes e todo o meio ambiente que os cerca, agora é vista como auxiliar do desenvolvimento ambiental, colocando-a em um papel favorável a natureza e seus recursos (WHITAKER, BEZZON 2006).

Deste modo, surge uma necessidade em promover uma terapia ocupacional que se concentre em repensar as formas como nos relacionamos com o meio através da perspectiva crítica, com o intuito de trazer reflexão e práxis para os caminhos que pretendem transformar a forma de pensar e se organizar, questionando não só impactos ambientais graves, mas toda a influência sobre o modo de significar as atividades dos sujeitos, bem como a construção dos cotidianos, relacionando assim o fazer humano e sua relação com o meio que se insere. Através de um olhar focado nas ações que estão intrinsicamente ligadas ao fazer ecológico, o terapeuta trabalha na instrumentalização de atividades que façam a necessidade do uso da água (escovar os dentes e tomar banho), o uso dos meios de transporte e seus impactos ambientais, o consumo de alimentos saudáveis, consumo de roupas e produção de lixo consciente. Considerando estas atividades cotidianas construídas pelas influências capitalistas, consumistas e individualistas que são promovidas através de uma alienação, que não se preocupa em sintonizar com o meio e se distancia cada vez mais, gerando uma relação de desrespeito com os recursos naturais (FARIAS e FALEIRO, 2019).

Ao perceber o fazer humano como impactante no meio natural e sua relação direta com a água, terra e todos os recursos vindos da natureza, a perspectiva eco-social as terapia ocupacional se une a Agroecologia modificando as atividades que causam danos ao nosso ecossistema, com foco na conscientização, na justiça social e transformações de estilos de vida que são nocivos ao meio ambiente. Se preocupando não só com a sustentabilidade, mas com o impacto da nossa existência e do nosso cotidiano, produzindo um pensamento não mais individualista, mas que se preocupa com o planeta e toda a forma de vida existente nele (FARIAS e FALEIRO, 2017).

O terapeuta ocupacional social concentra-se em uma análise do cotidiano e seus contextos em suas diferentes perspectivas, para uma construção do fazer humano em caráter individual e coletivo que combinando estratégias que aproximem as redes de suporte pessoais e sociais, a fim de alcançar uma autonomia sustentável no cotidiano do sujeito. Desta forma, a Terapia Ocupacional Social estuda as capacidades sociais que transpassa o cotidiano, tornando possível interpretar as realidades sociais e caminhar para a sua transformação (GALHEIGO, 2003).

Se faz necessária uma análise do moderno concomitante ao tradicional para estimular as ações de resistência, confrontação e adaptação. Ao assimilar os processos tecnológicos advindo da “Revolução Verde” e as atuais noções de desenvolvimento sustentável,

compreende-se que o processo para uma transição agrícola não deve ser algo unilinear, pois não engloba a complexidade da realidade da agricultura, enquanto processo que se configura por meio de produção e reprodução sociocultural. Sob esta perspectiva a agroecologia agrega as dimensões sociais, econômicas e ambientais para uma construção teórica mais apropriada para a compreensão dos motivos pelos quais a agricultura familiar engloba os processos tecnológicos e institucionais guiados pelo fundamento ecológico da agricultura (COSTABEBER, MOYANO. 2000).

## **1.1 Agroecologia**

A Agroecologia surge como uma alternativa aos sistemas agrícolas existentes, fundamentada através da ecologia e da cultura, resgatando os conhecimentos agrotécnicos de uma população e desmitificando a agricultura convencional advinda do capitalismo e suas transformações. Assim, a agroecologia propõe um diálogo entre saberes técnicos, econômicos, antropológicos e sociais, através da interdisciplinaridade repensando a manipulação da matéria, dos nutrientes e da energia de forma que coexista a evolução social e ecológica (LEFF, 2002).

Caporal, Paulus e Costabeber, 2009 discutem como o termo agroecologia atualmente tem sido associado de forma direta e imprudente à sustentabilidade, agricultura alternativa, a um tipo de agricultura que retira os recursos de forma controlada e ao ato de trabalhar dentro do campo. Porém, a ideia de agroecologia vai além desses termos e visões de sustentabilidade. Além do reducionismo do significado da palavra, o termo desenvolvimento sustentável não abrange toda transformação necessária para a implementação desse novo sistema agrícola.

Assim, temos a agroecologia como novo modelo agrícola, e social capaz de integrar todo o saber empírico do agricultor com as tecnologias disponíveis, afim de não só desenvolver e criar produtos e processos ecológicos, mas também políticas públicas que atendam essa população e tragam uma nova forma de se organizar socialmente, sendo portanto, necessário um trabalho inter, multi e trans disciplinar<sup>1</sup>. (CAPORAL, PAULUS, COSTABEBER, 2009).

---

<sup>1</sup> <sup>1</sup> Interdisciplinaridade: Colaboração de diversas especialidades agregando os conhecimentos em prol do bem estar do paciente.

Multidisciplinariedade: Atendimento em equipe que se adequa as necessidades do paciente.

Transdisciplinaridade: Tece laços entre as especialidades priorizando o diálogo e interação entre os profissionais.



“Em última instância, o enfoque agroecológico ressalta o fato de que a produção e a transmissão de conhecimentos são atividades próprias do ser humano, exercidas individual ou coletivamente por meio das culturas. Reservar essas atribuições sociais a alguns poucos membros da sociedade, como é próprio do difusionismo tecnológico, representa o desperdício de aptidões cognitivas inerentes a toda e qualquer pessoa. Sob essa perspectiva, o difusionismo é um método de gestão de conhecimento anti-ecológico e desumanizador” (PETERSEN, pag. 7, 2007)

O campo agroecológico no Brasil se estabelece através de movimentos sociais, não por meio da ciência, desta forma as questões de raça, gênero e classe são fundamentais para o desenvolvimento do debate no país, sendo imprescindível o estreitamento dos conceitos sociais e da agroecologia. Ao entender que muitos componentes das vertentes feministas que se mostram críticos conversam com as questões agroecológicas, questionando as formas e sistemas impostos, percebemos como as questões de gênero precisam de uma atenção maior diante do tema (LIMA E JESUS, 2017).

É característico que abordem em discursos agroecológicos uma idealização de gênero igualitária que acredita que as relações de poder interferem nas tomadas de decisões entre homens e mulheres perante a sociedade, destarte na elaboração dos processos que promovem o desenvolvimento rural ecológico, mas o aprofundamento desta questão não se desenvolveu como objeto de pesquisa. O Ecofeminismo é um ideal feminista que aproxima e integra a mulher a natureza, assumindo uma relação que compartilha da mesma forma de exploração e projetando a mulher como condutora de um raciocínio não destruidor do ecossistema (SILIPRANDI, 2009).

### **1.3 Ecofeminismo**

Nos anos de 1960 e 1970 a pauta da superpopulação teve destaque mundial, agarrando na teoria Malthusiana que defendia a relação do aumento populacional com a escassez de comida. Assim, a chamada “bomba populacional” trouxe à necessidade de políticas populacionais que foram direcionadas ao controle de natalidade de pessoas especialmente pobres e negras, culpabilizando a população pobre. Entre as medidas tomadas destaca-se a obrigatoriedade do uso de métodos contraceptivos orais por mulheres (PEDRO, 2002).

É neste cenário que o Ecofeminismo surge como uma causa bem mais que necessária, legítima, Entendendo o problema da escassez dos recursos como a necessidade se fazer uma

análise crítica aos modos de vida consumistas a dominação da natureza e o sexíssimo, respeitando o direito das mulheres de decidirem sobre seu próprio corpo. A primeira aparição do termo “Ecofeminismo” foi feita pela francesa D’Eaubonne, em seu livro “Le feminism ou la meurte”, publicado em 1974 que traz as mulheres como as pessoas mais interessadas no controle populacional perante seu próprio bem-estar e caso essa decisão coubesse a elas, o problema já haveria sido solucionado, porém, não há o interesse na opinião feminina em uma sociedade patriarcal. D’Eaubonne critica em seu livro o modelo consumista pregado pelos países desenvolvidos que utilizam da matéria prima sem consciência, já que o consumo dos recursos feito por uma pessoa de primeiro mundo é 25x maior que de alguém de terceiro mundo (SILIPRANDI, 2009).

Segundo Ortiner (1979), a formação cultural é reguladora dos processos da vida, determinando nossas relações sociais. A cultura social estabelecida pela relação entre homens e mulheres se formatou dentro de um processo da dominação regulamentadora. Assim a autora traça um paralelo, do qual a relação entre homem e mulher se estabelece assim como a relação entre cultura e natureza. Desta forma, a cultura possui um domínio perante a natureza e sendo as mulheres consideradas parte dela, há a relação de subordinação e opressão deste gênero que simplesmente está mais próximo à ao que se considera natural (ORTINER, 1979).

Neste sentido, cabe o questionamento, em que as mulheres estão mais próximas da natureza? Fisiologicamente as mulheres participam de processos que muitas vezes causam desconfortos, dores e perigos e são adaptadas para servir as necessidades dos seus corpos, e não suas próprias necessidades, tendo a sua animalidade mais manifesta que a do homem, pois seus corpos funcionam de modo que prioriza os processos naturais de reprodução, sendo assim condenadas apenas a reprodução da vida, já o homem que não possui papel primordial na geração da vida, se baseiam na criação de culturas e tecnologias que são mais duradouras que o processo de criar seres perecíveis. Portanto, dominando a mulher, o homem domina o processo natural de criar vida que é uma capacidade exclusivamente feminina (ORTINER, 1979).

O ecofeminismo prega que a luta por direitos das mulheres não deve ser separada da luta por todos os ecossistemas, assim ao unir cultura e natureza priorizando o conhecimento da mulher do campo, o ecofeminismo visa trazer uma valorização de identidade da mulher dentro dos espaços agrícolas, participações ativas nas tomadas de decisão, valorização dos

seus papéis sociais e de trabalho e assim, preservar todas as manifestações de vida (OLIVEIRA 2002).

A luta das Mulheres camponesas passou a ganhar visibilidade nos anos 2000, tornando evidente a mulher dentro das mudanças sociais rurais, quando se concluiu que a participação em vivências agroecológicas abria espaço para a atuação de mulheres que iam além das atividades habituais exercidas dentro do campo. Futuramente passou a haver pressões externas para que as mulheres ocupassem mais locais de fala e tomadas de decisão dentro do desenvolvimento agroecológico e passaram a desenvolver processos emancipatórios financeiros. A mulher do campo é perpetuadora de saberes que estão historicamente sob sua responsabilidade como a saúde e alimentação, portanto há uma obrigatoriedade de se transferir para as novas gerações a autonomia e valores camponeses, sendo nesse âmbito não apenas transmissoras dessa cultura, mas criadoras de novas tradições (SILIPRANDI, 2009).

A importância das mulheres se manterem assíduas diante dos movimentos que fazem conexão entre ecologia e feminismo se dá pela necessidade de ocupar espaços de liderança dentro das organizações, o ecofeminismo surge em um contexto Europeu que luta pela emancipação de direitos das mulheres e natureza, em um contexto Ocidental a mulher não só faz parte da natureza como o uso dela também é necessário para sua subsistência. O protagonismo da mulher camponesa faz com que seus direitos se tornem pautas discutidas e desenvolvidas e não apenas idealizadas.

## 2. JUSTIFICATIVA

A agroecologia traz consigo uma diversidade de movimentos sociais, como a reforma agrária, MST<sup>2</sup>, sindicatos entre outros. O discurso começou a tomar uma forma feminista com a criação de grupos como de trabalhadoras rurais, de camponesas etc. Estes grupos buscam a emancipação e maior participação das mulheres nas decisões do campo, trazendo consigo um discurso ambiental e sustentável. Assim, a agroecologia tem um forte papel social na busca de inclusão, equidade e solidariedade, não só em relação ao meio ambiente, mas no tratamento de uns para com os outros (SILIPRANDI 2007).

As mulheres da comunidade rural sofrem os mais diversos tipos de opressão da forma mais primitiva possível, sendo uma população que cresce com a cultura machista e patriarcal consolidada culturalmente, é neste cenário que nos anos 1980 as mulheres do campo começam assumir o papel de donas dos próprios corpos e das próprias decisões com o surgimento do Movimento de Mulheres Trabalhadoras Rurais (MMTR) que posteriormente em 2004 se transforma no Movimento das Mulheres Camponesas (MMC) que tem como objetivo promover uma discussão profunda entre as mulheres com o intuito de criar consciência sobre sua atual posição e trazendo reflexões em relação aos papéis ocupados pelas mesmas ao longo dos anos e qual a influência que seu gênero assume (LASSAK, 2012).

A iniciativa de transformar o assunto em pesquisa surgiu na participação da pesquisadora no Encontro Nacional de Estudantes da Terapia Ocupacional (ENETO), sediado pela Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM) em Uberaba no ano de 2019, que trouxe a abordagem das questões agrárias fazendo-se explícita a desigualdade social presente no meio rural e quais as contribuições que a terapia ocupacional poderia trazer acerca deste assunto. Diante de todo o material teórico surge a necessidade de aproximar minhas raízes com o conhecimento adquirido dentro da comunidade acadêmica, trazendo visibilidade para uma população tão rica culturalmente.

Ao aprofundar os conhecimentos sobre a agroecologia surge o ensejo para entender e analisar, o papel que as mulheres camponesas vêm exercendo ao longo dos anos e que contradiz o atual modelo agrário que traz tantos questionamentos sobre seu benefício. Nossa visão cultural primeiramente é passada pelas mulheres, que possuem o papel de primeiras

---

<sup>2</sup> Movimento dos Trabalhadores sem Terra (MST) surgiu oficialmente em 1984 e hoje integra 24 Estados Brasileiros com o propósito de habitarem latifúndios abandonados, hoje cerca de 350 mil famílias garantem moradia através da luta.

educadoras na vida de um ser humano. Assim, não há uma transformação efetiva no sentido social se as mulheres não forem finalmente protagonistas desta história e ocuparem cada vez mais papéis decisórios dentro da comunidade rural.

Em 2020 a pesquisa começa a tomar nova forma, após março deste mesmo ano ocorrer a suspensão indeterminada das atividades acadêmicas devido a pandemia do COVID-19 que se alastrou pelo mundo. Seguindo as normas da OMS de isolamento e afastamento social surgiu a necessidade de adaptar a pesquisa as condições oferecidas e tendo em vista o prejuízo e a irresponsabilidade ética de promover encontros presenciais com mulheres camponesas, foi discutido junto do orientador a possibilidade de trazer o trabalho para uma perspectiva online, começa a se questionar sobre o acesso dessa população à internet.

Barreiro (2019), traz em sua tese dados sobre a evolução da abrangência da modernidade tecnológica na América Latina e como a Internet transformou o campo da comunicação, no Brasil até o ano de 2017 a porcentagem populacional com acesso à internet é de mais de 70%, são 139.000.000 de pessoas conectadas pelas redes sociais no país, apoiando na pesquisa de Fuchs (2008) que menciona a importância das redes digitais, uma vez que as redes sociais já existiam, mas agora assumem um novo formato devido o envolvimento tecnológico no nosso cotidiano, fenômeno que tem se desenvolvido cada vez mais.

Bernardes Vieira e Bonfim (2015), realizaram uma pesquisa com pequenos produtores, pertencentes à Associação de Bananicultores de Tupã com 35 produtores rurais que fortalecem e representam a agricultura familiar diz que 54% dos entrevistados possuem acesso à internet e redes digitais, desses, 46% alegam acessar a internet por meio de computadores e smartphones (BERNARDES E BONFIM, 2015).

Após a análise desses dados surgiu o questionamento que deu corpo à pesquisa: as mulheres camponesas acessam os conteúdos sobre agroecologia e ecofeminismo que são dissipados ou o assunto tomou um formato elitista nas redes? Quantos destes conteúdos são produzidos com a participação dessa população?

### **3. OBJETIVOS**

#### **3.1. OBJETIVOS GERAIS:**

Compreender se os grupos que abordam os temas Agroecologia e Ecofeminismo nas plataformas digitais são compostos ou fazem interações com as mulheres do campo, valorizando o conhecimento empírico desta população.

#### **3.2. OBJETIVOS ESPECÍFICOS:**

- Acrescentar à discussão sobre o movimento de mulheres do campo, e conseguinte dar visibilidade a este grupo social;
- Relacionar a terapia ocupacional identificando as demandas da população estudada;
- Fazer uma análise da participação das mulheres do campo nas redes sociais apontando as problemáticas que interferem no engajamento desta população;
- Identificar se as discussões em torno dos temas Agroecologia e Ecofeminismo nas plataformas virtuais destacam a participação social dos grupos supracitados.

#### 4. METODOLOGIA

Trata-se de um estudo do tipo qualitativo de cunho descritivo por meio de um estudo netnográfico, que segundo Amaral, Natal e Viana (2008) consiste em um método que descende da antropologia e equipa o pesquisador com técnicas que o permite introduzir em uma comunidade como observador capaz de captar recortes sociais. A Internet possui uma estrutura de redes capaz de afunilar as conexões no espaço/tempo, em um estudo como a netnografia é possível investigar a realidade e observar hipóteses etnográficas (SILVA, 2015).

Recuero (2006) conceitua comunidade sendo um conjunto de nós que se unem formando um *cluster* (aglomerado), estando estes nós mais perto entre si do que dos demais, onde futuramente estes *clusters* acabaram se unindo a outros *clusters* formando assim uma conexão em rede. A autora faz pertinente a metáfora para que se entenda que em uma comunidade de rede há interesses, desejos e aspirações centrados nos indivíduos em questão e comportamentos dinâmicos que afetam a comunidade, deste modo a conexão não existe devido o surgimento da tecnologia, ela já era pertinente nos espaços, porém a tecnologia ocasionou o estreitamento das redes sociais conectando pessoas e instituições.

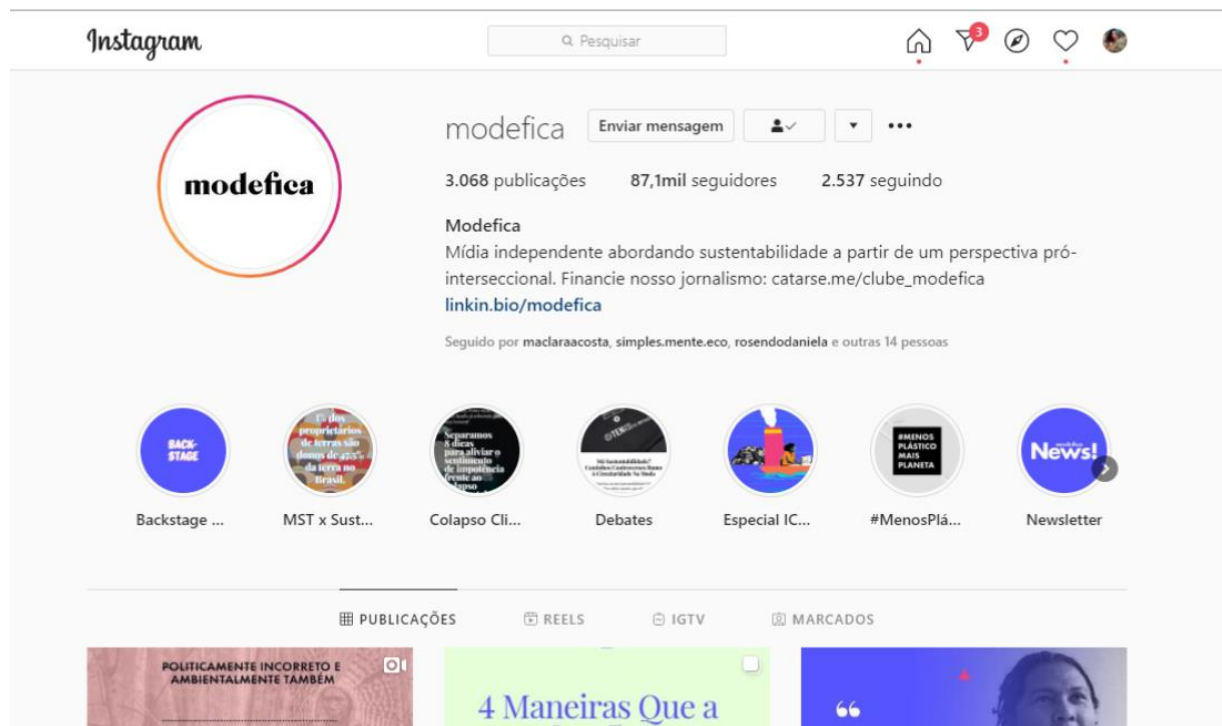
Ao entender que o comportamento humano é melhor interpretado quando inserido em contextos sociais, a pesquisa exploratória direciona o pesquisador para iniciar um primeiro contato com a população, o objetivo é agrupar os dados, selecionar e analisar as hipóteses propostas (PIOVESAN e TEMPORINI. 1995). No presente estudo é feito uma análise que avalia se há a inserção da mulher do campo dentro da plataforma digital *Instagram* e se as mesmas se apropriam de assuntos que fazem parte da sua subsistência como a agroecologia e o ecofeminismo.

A netnografia é um método da pesquisa exploratória que nos permite estabelecer uma análise crítica sobre as interações sociais virtuais através da busca pela familiaridade com o problema e a imersão no grupo social a ser estudado, proporcionando uma visão aproximada da realidade da investigação. (NETO et.al. 2015)

Para desenvolver o estudo realizou-se uma busca na rede social *Instagram* com as palavras “agroecologia” “mulheres e agroecologia” e “ecofeminismo” onde foi selecionado perfis administrados por mulheres que abordavam os temas agroecologia e ecofeminismo.

Os critérios de inclusão e exclusão da pesquisa buscou abarcar o número de usuários para a análise, fora utilizado como critério a quantidade de seguidores das páginas, e a quantidade de postagens no feed de notícias.

a) @modifica –



**Figura 1 – Imagem retirada do Instagram @modifica (26/11/2020)**

Página criada em 2014 com o objetivo de promover uma moda e um estilo de vida sustentável, porém, hoje se consolida como página midiática que se estende à outras plataformas online como podcasts e Jornal Virtual abordando assuntos ambientais e todas as problemáticas sociais que isso implica a partir de uma perspectiva pró-interseccional, trazendo a discussão da sustentabilidade com um foco maior para a raiz do problema. Possui 87,1 mil seguidores e 3.068 publicações até a data da pesquisa. No mês de setembro de 2020 teve um total de 29 publicações e a publicação mais curtida no mês em questão teve mais de 9 mil curtidas e 120 comentários e teve o título “Como que a indústria de petróleo fez o público acreditar que o plástico seria reciclado”.



b) @reciclereutilizeplante

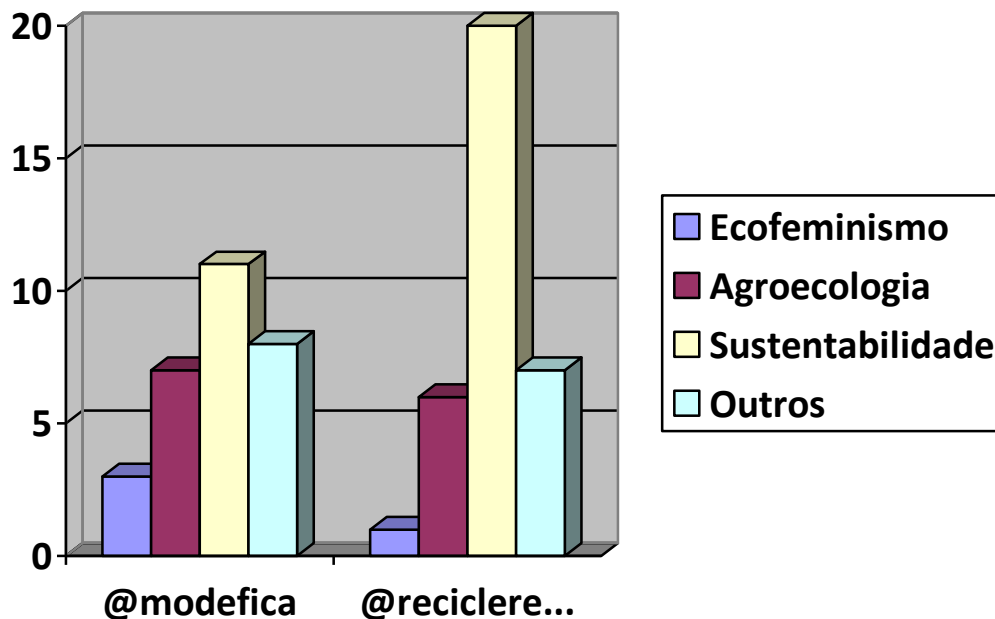


**Figura 2 – Imagem retirada do Instagram @reciclereutilizereplante (26/11/2020)**

A Página foi criada em Agosto de 2018, veio com o intuito de atrair as pessoas e poder educa-las a respeito de uma rotina mais sustentável que foca em se responsabilizar pelo seu lixo e pelo que se consome através do jornalismo midiático, entrelaçando assuntos políticos e sociais que permeiam o meio da sustentabilidade. O perfil possui 382 posts no feed e 21,6 mil seguidores, além do Instagram também administra um canal no Youtube o qual complementa o assunto abordado com tutoriais e vídeo aulas instrutivas. No mês de setembro de 2020 a página compartilhou 35 publicações no feed de notícias, tendo 209 mil visualizações a publicação de maior alcance e 632 comentários, um IGTV com o título “Como descartar esponjas de lavar louça”.

Foi feita uma apuração das publicações de ambas as páginas selecionadas @modifica e @reciclereutilizeplante e sua comparação em relação a quantidade de publicações no mês de setembro de 2020 sobre os temas “Ecofeminismo, Agroecologia, Sustentabilidade (considerando posts sobre alterações climáticas e produção de lixo) e outros sendo o último postagens com foco para o marketing.

## 5. RESULTADOS



**Gráfico 1 - Publicações do mês de setembro/2020**

Foi observado que no mês em questão a página @modifica aborda mais vezes o tema ecofeminismo/feminismo com postagens sobre “aborto legal” “violência sexual” “sexualização de meninas menores de idade” e “relação sustentabilidade/gênero”



**Figura 3 – Imagem retirada do Instagram @modifica (26/11/2020)**

Enquanto a página @reciclereutilizeplante apresenta maior resistência dos seguidores quando integra as pautas sociais no seu discurso e, talvez, por este motivo não fez nenhuma postagem sobre o tema Ecofeminismo/feminismo. Porém ambas as páginas mencionam a relação da luta de classes com ecologia.



Figura 4 – Imagem retirada do Instagram @reciclereutilizereplante (26/11/2020)



Figura 5 – Imagem retirada do Instagram @reciclereutilizereplante (26/11/2020)

Sobre o tema da agroecologia a @modifica trata de discussões teóricas que promovem raciocínio e provoca questionamentos sobre as questões sociais e ambientais como o consumo

problemático da carne e ações políticas que já estão sendo tomadas pelo mundo que se dizem sustentáveis, porém são questionáveis.



Figura 6 – Imagem retirada do Instagram @modifica (26/11/2020)

Já a página @reciclereutilizeplante traz situações mais práticas como o plantio de hortaliças e as verduras e frutas da estação.



Figura 6 – Imagem retirada do Instagram @reciclereutilizereplante (26/11/2020)



Quando o assunto é sustentabilidade as duas são bastante distintas entre si e essa é a diferença que molda a personalidade e a ideia principal de cada página. Enquanto a @modifica se atenta para uma questão de variação climática e críticas as grandes empresas de petróleo, a página @reutilizerecicleplante faz tutoriais e vídeos informativos sobre como administrar o seu lixo e a forma adequada de manejar objetos como pilhas e vidro. Uma questão que foi observada em ambas as páginas é o foco na moda, sempre fazendo posts que enfatizem a importância da sustentabilidade quando o assunto é moda. A @reciclereutilizeplante faz posts sobre a reciclagem de objetos como vidros de esmaltes e a importância de reutilizar roupas e o seu impacto em relação ao consumo de insumos, a @modifica publicou um texto que incentiva o consumo de roupas de brechó ou de segunda mão como alternativa ao grande impacto ambiental que é a produção de roupa.



Figura 7 – Imagem retirada do Instagram @reciclereutilizereplante (26/11/2020)



Figura 8 – Imagem retirada do Instagram @modifica (26/11/2020)

Na relação de outros, em ambas as páginas se encontra propagandas referentes ao seu canal em outra rede social ou a publicação de imagens de flores e animais para atrair o público.

Ambas as páginas utilizam o espaço dos “comentários” para perceber o feedback dos seguidores e atentar para recolher demandas para as próximas publicações. As hashtags que foram mais utilizadas no mês de setembro/2020 pela página @modifica são #mudançasclimaticas e #meioambiente, já a página @reciclereutilizeplante é #recicle #reutilize e #plante.



Figura 9 – Imagem retirada do Instagram @modifica (26/11/2020)



Figura 10 – Imagem retirada do Instagram @reciclereutilizereplante (26/11/2020)

## 6. DISCUSSÃO

Quando os recursos naturais se tornam mercadoria, o direito sobre esses insumos passa a ser restrito, o que desorganiza a economia feminina e prejudica seus saberes no manejo da água, alimentos e madeira, tal ação implica diretamente no desempenho das atividades exercidas pelas camponesas ocasionando uma desvalorização do serviço prestado e consequente a violência contra este grupo social. A existência de uma formação econômica capitalista exclui a mulher da participação de discussões como padrões, políticas e projetos, assim, as necessidades das mulheres dentro do sistema econômico não é discutida e seus conhecimentos não são consultados para resolução dos problemas (SILIPRANDI 2007).

Apesar das comunidades camponesas terem a proximidade com o ecossistema e a sustentabilidade, a lógica patriarcal também reflete nas formas de organizações sociais no campo e mesmo quando o assunto é sobre as atividades de vida diária das mulheres, seus conhecimentos empíricos não são valorizados ou consultados. Poucas mulheres são citadas historicamente nas lutas dos agricultores brasileiros, apesar de sempre estarem presentes, sua atuação não é legitimada. Uma das mulheres que sobressaíram nos movimentos dos agricultores foi Margarida Maria Alves que liderou o sindicato de Alagoa Grande na Paraíba em 1973 e foi assassinada em 1983 a mando de latifundiários e originou nos dias atuais o movimento de luta feminista no campo “Marcha das Margaridas” que ocorre a cada quatro anos em Brasília-DF (SILIPRANDI 2009).

Trazendo a discussão para o meio tecnológico se percebe que ainda há muita luta no caminho das mulheres, ao realizar uma busca no Instagram pela Hashtag *#agroecologia* o usuário é direcionado para postagens de homens que escrevem para homens, sendo as páginas que são endereçadas diretamente para o público feminino as de menor engajamento no quesito curtidas e seguidores.

A segunda discussão a ser feita sobre a participação das mulheres camponesas nas redes sociais, surge quando pesquisamos sobre o tema *#ecofeminismo*, o problema social vai além da questão de gênero, ele perpassa os aspectos raciais e classistas, portanto, a maioria das pesquisas são direcionadas às páginas de mulheres brancas e urbanas, concluindo que ainda que haja a visibilidade feminina, as mulheres camponesas não alcançam seus locais de fala, estando sujeitas a serem representadas novamente por um grupo que não entende seus anseios e abre pouco espaço para nortear as decisões.

A emancipação é um termo usado para definir a liberdade de um grupo específico para acessar direitos políticos, nesse contexto a emancipação social busca igualdade de classe, gênero e raça para a conquista de direitos sociais. Quando em função da mulher do campo, a terapia ocupacional social possui um papel emancipatório, não apenas falando sobre a igualdade que o termo prega, mas afirmando as diferenças que são naturais e importantes entre os grupos que não são homogêneos e precisam ter suas diferenças preservadas. Santos 2010 traz o conceito de *ecologia do saber* defendendo que não há conhecimento absoluto e, por tanto, também não há ignorância absoluta, todos os saberes precisam ser valorizados e



preservados, essa lógica perpassa o pensamento da monocultura e se agrupa a ciência agroecológica (LUSSI 2020).

O termo “participação social” assume significados diferentes conforme o país em que a terapia ocupacional se desenvolve, no Brasil o termo se refere ao envolvimento político do sujeito e a garantia de direitos. Um indivíduo que participa socialmente se envolve nas questões políticas, não só conhecendo seus direitos, mas também lutando pela manutenção e implementação de Leis que os garantam (JACCOUD, et.al. 2005).

Garantir o direito das mulheres dentro da sociedade é um percurso lento que começou a adentrar os espaços rurais a partir dos anos de 1980, hoje ainda há um longo caminho para percorrer, uma das formas mais eficazes de garantir esses direitos as mulheres que praticam atividade agrícola é através da criação de Políticas Públicas. Algumas políticas já foram implementadas depois do *Plano Nacional de Políticas para as Trabalhadoras Rurais* desenvolvido pelo Governo Federal, que juntamente com a *Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres* trabalharam para a implementação do “Programa Nacional de Documentação da Trabalhadora Rural” que possibilitou a aquisição de documentos civis e trabalhistas as trabalhadoras rurais, desde então, diversas políticas públicas foram implementadas, como:

- Direito a Terra: garantido pelo Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA), através do Programa de Organização Produtiva de Mulheres Rurais, que rejeita o estado civil como pré-requisito para a titulação de terras no nome de mulheres;
- Titulação do Lote Compartilhado: Através da Portaria do INCRA 981/2003 torna obrigatória a posse compartilhada de lotes, independente do estado civil a nomeação da terra é dada a ambos que compõem o casal;
- Linha de Crédito: O Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (PRONAF) criou uma linha de crédito específica para mulheres rurais, a PRONAF-MULHER;

O Programa Nacional de Documentação da Trabalhadora Civil organiza campanhas e mutirões em localidades rurais, emitindo documentos de mulheres rurais, quilombolas, ribeirinhas e indígenas, tal programa também beneficia os homens locais e disseminam informações sobre o acesso à garantia dos direitos estabelecidos através das Políticas Públicas.

## 7. CONCLUSÃO

Conclui-se que ainda há uma separação de classe social dentro do sistema patriarcal no tema e as mulheres camponesas e assentadas não estão se apropriando do assunto, é necessário além da difusão do acesso à internet na comunidade rural uma abrangência maior nos estudos, não se limitando aos conhecimentos técnicos, mas difundindo as informações que são empíricas no processos de mulheres camponesas e assim fazer com que elas tomem cada vez mais espaço dentro das discursões a cerca de Ecofeminismo e Agroecologia.

O campo da Internet tem tomado cada vez mais espaço no cotidiano, o que se intensificou no ultimo ano devido a pandemia do COVI-D 19 que possibilitou a aproximação de pessoas em um contexto de isolamento social. Na atualidade a internet vem assumindo um papel importante nas discussões sociais e na influência das tomadas de decisões, tem se tornado cada vez mais necessário estar conectado para se manter atualizado sobre a realidade.

A utilização da internet no campo rural agrupa benefícios aos pequenos produtores, como a divulgação de seus produtos e disseminação da luta sobre os seus direitos, garante integralidade a população além de permitir o acesso a informações que auxiliam no desenvolvimento da produção agrícola.

Fica evidente que há nos dias atuais diferentes Terapias Ocupacionais sendo desenvolvidas nos países Sulistas que fogem do contexto em que a profissão surge nos países do Norte, essa diferença é definida por Santos 2010 como ecologia dos reconhecimentos e se integra neste texto fazendo menção na diversidade política que a terapia ocupacional desenvolvida no sul oferece e como os países do Norte podem e devem se apropriar destes conhecimentos.

Por fim é importante salientar a importância da Terapia Ocupacional na emancipação de mulheres do campo dentro das comunidades, assegurando o cumprimento e implementando novas políticas públicas direcionadas para as mulheres, bem como a integração da comunidade dentro do campo da internet garantindo participação social e acesso aos meios de comunicação.

## 8. REFERÊNCIAS

- ALGADO, Salvador Simó. **Terapia Ocupacional eco-social: hacia una ecologia ocupacional**. Cad. Ter .Ocup. UFSCar, São Carlos, v. 20, n. 1, p. 7-16, 2012
- ALGADO, Salvador Simó. **Terapia ocupacional eco-social. La ocupación humana frente a la globalización**. Revista electrónica de terapia ocupacional Galici. A Coruña. 2013; 10 (17): 1 - 11 Disponível em: <http://www.revistatog.com/num17/pdfs/ecosocial.pdf> . Acesso em: 01 de Outubro de 2019.
- ALGADO, Salvador Simó. **Terapia Ocupacional eco-social. La ocupación humana frente a la globalización**. Revista electrónica de terapia ocupacional Galici. A Coruña. 2013;10 (17): 1 – 11
- AMARAL, Adriana; NATAL, Georgia; VIANA, Lucina. **Netnografia como aporte metodológico da pesquisa em comunicação digital**. Cad. Da Escola de Comunicação. Vol. 6. Curitiba 2008.
- ANDRADES, Thiago Oliveira de; GANIMI, Rosângela Nasser. **Revolução verde e a apropriação capitalista**. CES Revista, v.21. Juiz de Fora. 2007.
- BARREIRO, Rafael Garcia; **Entre redes: Juventudes, Ambiente Virtuais e Vidas Entretidas**. 2019. Tese (Doutorado em Terapia Ocupacional) – Universidade Federal de São Carlos. 2019.
- BARROS, Denise Dias; GHIRARDI, Maria Isabel Garcez; LOPES, Roseli Esquerdo. **Terapia ocupacional social**. Rev. Ter. Ocup. Univ. São Paulo, v. 13, n. 3, p. 95-103, set./dez. 2002.
- BERNARDES, J. C.; VIEIRA, S. C.; BONFIM, E. B.. **Comunicação rural: legitimando a inclusão digital no campo**. RECoDAF – Revista Eletrônica Competências Digitais para Agricultura Familiar, Tupã, v. 1, n. 2, p. 1-12. 2015.
- CAPORAL, Francisco Roberto; PAULUS, Gervásio; COSTABEBER, José Antônio. **Agroecologia: uma ciência do campo da complexidade**. 111p. Brasília. 2009.
- CASADO, G. G. I.; MOLINA, M. G. de; GUZMAN, E. S. (coord.). **Agroecologia y desarrollo rural sostenible. In: Introduccion a la agroecologia como desarrollo rural sostenible**. Ediciones MundiPrensa. 2000.
- COSTABEBER, José Antônio; MOYANO, Eduardo. **Transição agroecológica e ação social coletiva**. Agroecologia e Desenvolvimento Rural Sustentável, v. 1, n. 4, p. 50-60. Porto Alegre. 2000.
- DORNELLER, Jonatas; **Antropologia e internet: quando o “campo” é a cidade e o computador é a rede**. Horiz. antropol. vol.10 n. 21. Porto Alegre.2004

FARIAS, Magno Nunes; FALEIRO Wender. **Terapia Ocupacional e Agroecologia: reflexões para uma práxis eco-social**. Rev. Interinst. Bras. Ter. Ocup. Rio de Janeiro. 2019. v.3(1): 162-171.

FARIAS, Magno Nunes; FALEIRO, Wender. **Agroecologia e terapia ocupacional: caminhos para (re) pensar a ocupação humana**. Cadernos de Agroecologia – ISSN 2236-7934 – Anais do VI CLAA, X CBA e V SEMDF – Vol. 13, N° 1, Jul. 2018.

GALHEIGO, Sandra Maria. **O cotidiano na terapia ocupacional: cultura, subjetividade e contexto histórico-social**. Rev. Ter. Ocup. Univ. São Paulo, v. 14, n. 3, p. 104-9, set./dez. 2003.

IPEA Instituto de Pesquisa Aplicada. **Questão Social e Políticas Sociais para o Brasil**. Governo Federal. P. 328. Brasília. 2005.

KOZINETS, Robert. V. **Netnografia: Realizando pesquisa etnográfica online**. Porto Alegre: Penso, 2014. 203p.

LASSAK, Sandra. **Comunidade de resistência e libertação – a referência da teologia (feminista) de libertação no movimento de mulheres camponesas**. Rev. Caminhos. v. 10 n. 2. Goiânia. 2012.

LASSARI, Francini Meneghini; SOUZA, Andressa Silva. **Revolução verde: impactos sobre os conhecimentos tradicionais**. 4º Congresso Nacional de direito e contemporaneidade.UFSM. 8 a 10 de Novembro. Santa Maria/RS. 2017.

LEFF, Enrique. **Agroecologia e saber ambiental**. Agroecol.e Desenv.Rur.Sustent.,Porto Alegre, v.3, n.1, jan./mar.2002.

LIMA, Marcia Maria Tait; JESUS, Vanessa Brito. **Questões sobre gênero e tecnologia na construção da agroecologia**. Scientiae studia. v. 5 n. 1. São Paulo. 2017.

LUSSI, Isabela Aparecida de Oliveira. **Emancipação social e terapia ocupacional: aproximações a partir das epistemologias do Sul e da ecologia de saberes**. Cadern. Bras. De Terapia Ocupacional. Novembro. 2020.

MACHADO, Adélio A. S. C. **Da gênese do termo química verde às colorações discrepantes da química e da biotecnologia**. Boletim da sociedade portuguesa de química. Ed. 108 pag. 43. UP. Porto Alegre. 2008.

NETO, André Pereira; BARBOSA, Letícia; SILVA, Adriano da; DANTAS, Mônica lúcia Gomes. **O paciente informado e os saberes médicos: um estudo de etnografia virtual em comunidades de doentes no Facebook**. Hist. cienc. saude- Manguinhos vol.22 supl. Rio de Janeiro. 2015.

NORGAARD, R. B.; SIKOR, T. O. **Metodologia e prática da agroecologia**. In: **ALTIERI, M. A. (Ed.). Agroecologia: bases científicas para uma agricultura sustentável**. Rio de Janeiro: AS-PTA, 2002. p. 53-84

OCTAVIANO, Carolina. **Muito além da tecnologia: os impactos da Revolução Verde**. **ComCiência** n.120 Campinas 2010.

OLIVEIRA, Naia. **Grupos Mulheres da Terra: abordagem fundamentada no ecofeminismo e na alfabetização ecológica**. Mulher e Trabalho, v. 5, p. 101-112, 2005.

ORTINER, Sherry B. **Está a mulher para o homem assim como a natureza para a cultura?** In: ROSALDO, M. Z.; LAMPHIRE, L. A mulher, a cultura e a sociedade. Rio de Janeiro: Paz e Terra. p 95-120. 1979.

PEDRO, Joana. **Entre a ameaça da “bomba populacional” e a emancipação do corpo das mulheres: o debate sobre a contracepção no Brasil e na França (1960-1970).** Proj. História (25). São Paulo. 2002.

PETERSEN, Paulo. **Construção do conhecimento agroecológico. Novos papéis, novas identidades.** Articulação Nacional de Agroecologia. Rio de Janeiro. 2007.

PIOVESAN, Armando; TEMPORINI, Edméa Rita. **Pesquisa exploratória: procedimento metodológico para o estudo de fatores humanos no campo da saúde pública.** *Revista de Saúde Pública*, v.29, n.4, p.318-325. 1995.

RECUERO, Raquel da Cunha. **Comunidades em redes sociais na internet: proposta de tipologia baseada no Fotolog.com.** Teses (Doutorado em Comunicação e informação) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre. 2006.

SANTOS, Boaventura de Souza. **A gramática do tempo: para uma nova cultura política.** Cortez. Vol. 4. São Paulo. 2010.

SILIPRANDI, Emma. **Mulheres e agroecologia: a construção de novos sujeitos políticos na agricultura familiar.** 2009. 292 f. Tese (Doutorado em Desenvolvimento Sustentável) – Centro de Desenvolvimento Sustentável, Universidade de Brasília. Brasília.

SILIPRANDI, Emma. **Agroecologia, agricultura familiar e mulheres rurais.** Rev. Bras. Agroecologia, v.2, n.1, fev. 2007.

SILIPRANDI, Emma. **Um olhar ecofeminista sobre as lutas por sustentabilidade no mundo rural. In: Agricultura familiar camponesa na construção do futuro.** AS.PTA. Paulo Petersen. (org). Rio de Janeiro, 2009.

SILVA, Suelen de Aguiar. **Desvelando a netnografia: um guia teórico e prático.** Intercom, Rev. Bras. Ciênc. Comun. vol.38 no.2 São Paulo 2015.

WHITAKER, Dulce C. A.; BEZZON, Lara C. **A cultura e o Ecossistema.** Campinas-SP. Editora Alínea, 2006.